

## O grande mentiroso

Adaptação de Pedro Bandeira de trecho do livro

“Aventuras do Barão de Münchhausen”, de Gottfried August Buerger

Permitam-me apresentar-me. Sou o Barão de Münchhausen<sup>1</sup>, o último representante de uma nobre linhagem que sempre teve como lema dizer sempre a verdade. Embora minha vida de soldado, caçador e viajante tenha sido das mais aventurosas, jamais faltei com a verdade ao relatar as circunstâncias às vezes perigosas, às vezes cômicas, e muitas vezes surpreendentes em que o destino me colocou. Por todas as gerações, minha família abominou esse tipo de aventureiro que exagera seus feitos e chega até mesmo – que horror! – a inventar aquilo que não aconteceu, só para causar efeito na audiência dos basbaques. Se agora narro alguns desses acontecimentos, é para que a nova geração possa aprender com a experiência de homens íntegros e honestos como eu.

Começo narrando uma viagem que fiz da Alemanha à Rússia, em pleno inverno. Vocês sabem como é rigoroso o inverno naquele país e devem imaginar o que é cavalgar sozinho através daquelas estepes geladas. Seguindo para o nordeste, eu sentia o frio aumentar cada vez mais. A neve, caindo incessantemente, açoitava-me o rosto e os lábios. Não havia sinais de habitações ou de qualquer presença humana nos arredores e, como a noite se aproximasse, resolvi parar por ali mesmo, para descansar um pouco e permitir que meu fiel cavalo recuperasse suas energias. Amarrei as rédeas em um pedaço de ferro que achei enfiado na neve e acomodei-me a um lado, envolto em todos os agasalhos que carregava.

Adormeci pesadamente, nem sei por quanto tempo e, quando despertei, o dia já ia alto. Para surpresa minha, não me encontrei deitado na alvura da neve da tarde anterior, mas em pleno calçamento da praça de um povoado, bem ao lado de uma igreja. Olhei em volta. Onde estava meu cavalo? Teria ele escapado? Teria algum gatuno se apossado dele enquanto eu repousava? Nesse momento, um relinchar desesperado vindo do alto trouxe-me a resposta. Levantando os olhos, vi que meu bravo corcel estava no alto da torre da igreja, pendurado pelas próprias rédeas, que estavam amarradas à ponta de uma cruz! Foi então que percebi o que ocorrera: na tarde anterior, a neve havia coberto totalmente o povoado e fora justamente em cima dele que eu estacionara! Comigo ferrado no sono, o sol nascente foi lentamente derretendo a neve, e meu corpo foi baixando com

---

1 Pronuncia-se “Minchi-ráuzen”

suavidade até que eu acabasse ali, deitado no chão! E meu pobre cavalo? Oh, sem perceber, eu o havia amarrado na ponta da cruz da igrejinha, que era só o que ficara de fora depois da tremenda tempestade de neve que vitimara aquela aldeia! Naturalmente, a posição do pobre animal não era das mais confortáveis. Sem perder tempo, apontei minha pistola e, com um tiro certo, cortei a rédea que o prendia à cruz. Por sorte, meu cavalo deslizou sem contratempos para o chão e eu pude montar e seguir viagem, já perfeitamente repousado depois de uma boa noite de sono.

Naquele povoado, para que eu pudesse prosseguir viagem com mais segurança, comprei um trenó, ao qual atrelei meu cavalo e alegremente segui para São Petersburgo. Mas minha alegria acabou sendo desagradavelmente interrompida por um enorme lobo, que disparou na direção de meu trenó, com a rapidez e a ferocidade que a fome do inverno lhe impunha. O cavalo, apavorado pela perseguição da fera, disparava sem precisar do estímulo do meu chicote e eu não vi outra alternativa senão deitar-me no fundo do trenó, deixando que o pavor do cavalo nos livrasse daquela situação incômoda. Não foi uma má ideia, pois o lobo, saltando por sobre o meu corpo, atirou-se com fúria sobre a anca do cavalo que, enlouquecido pela dor, corria cada vez mais depressa. Levantei um pouco a cabeça e minha surpresa não poderia ter sido maior: a fera já havia devorado toda a traseira do cavalo e continuava a comer, sofregamente, enfiando-se por dentro dos arreios, até engolir completamente a cabeça do meu bravo corcel.

Notei que, naquela operação, o lobo enredara-se perfeitamente nos arreios e não tive dúvida: tomei do chicote e me pus a castigar vigorosamente o lombo da fera que, assustada com aquela inesperada sobremesa, pôs-se a correr, substituindo perfeitamente o cavalo que havia devorado!

Foi assim que entrei em São Petersburgo, e dizem que jamais em toda a imensa Rússia alguém havia ouvido falar de um viajante que usasse um lobo como animal de tração em seu trenó.

Conto tudo isso apenas com o intuito de mostrar às novas gerações como a presença de espírito pode ser a solução para momentos em que a lógica não nos aponta nenhuma saída. É isso que aconselho aos jovens: nunca percam a capacidade de iniciativa e nunca, em tempo algum, sucumbam à tentação de faltar à verdade ao relatar algum acontecimento.